

HERODIANO E A NATUREZA.

Prof. Ana Teresa Marques Gonçalves - UFG

A obra de Herodiano: “História do Império Romano após Marco Aurélio” abarca o período cronológico que se estende do final do governo de Marco Aurélio à proclamação de Gordiano III pelos Pretorianos. Trata-se de um discurso sintético, no qual o autor se propõe a narrar importantes acontecimentos que ocorreram no Império no espaço temporal de sessenta anos (Hd. I.1.1.-6).

Muito pouco se sabe sobre a vida particular e pública de Herodiano, o que faz com que os historiadores dispostos a trabalharem com o seu discurso estejam sempre situados no campo das hipóteses. Atualmente, acredita-se que ele tenha nascido por volta de 180 d.C. na região Oriental do Império¹ e que tenha falecido na mesma região em torno do ano de 250 d.C.. Sua condição social também é questionável², mas em sua obra ele afirma que exerceu várias funções imperiais ou públicas, durante as quais foi testemunha dos fatos que constituíram o objeto de sua narrativa (Hd. I.2.5). Seu trabalho consta de oito livros que devem ter sido publicados separadamente durante o reinado de Filipe, o Árabe, possivelmente em 248 d.C..

Desta forma, este discurso não tem o objetivo expresso de focar a relação do homem com o meio ambiente que o cerca ou de formular explicações para os fenômenos naturais, como é o caso de outras obras analisadas no ínterim deste ciclo de debates. Muito pelo contrário, a meta principal do autor é o relato dos fatos políticos e militares que marcaram a passagem do segundo para o terceiro século d.C.

Entretanto, a vinculação e a interdependência do homem com o meio natural que o circunda são tão intensas na Antigüidade, que os elementos e os fenômenos da natureza permeiam toda a narrativa.

Pode-se perceber a grande preocupação de Herodiano em descrever os cenários naturais onde se desenrolaram os acontecimentos narrados, como se os elementos ambientais pudessem interferir diretamente nas ações humanas. Este é o caso, por exemplo, da descrição efetuada da Baía de Iso, onde ocorreu o combate final entre as tropas de Pescênio Níger e as de Septímio Severo. O autor enfatiza que a natureza concorreu para dar a este lugar a conformação de um anfiteatro colocado entre

a praia e a colina; uma espécie de estádio construído para dar lugar a operações militares onde se decidiriam os destinos do Império (Hd.III.4.2).

Porém, mais que um cenário, a natureza fornecia elementos que foram utilizados pelos homens antigos como símbolos políticos e religiosos. A flora e fauna estavam presentes na vida dos imperadores de sua aclamação a sua apoteose. Era costume saudar o governante com uma chuva de flores na entrada das cidades por onde ele passava. Deste modo, Cômodo foi recebido no seu regresso a Roma (Hd.I.7.3), Septímio Severo em sua entrada na capital imperial (Hd.II.14.1) e Caracala em sua visita à Alexandria (Hd.IV.8.9) e à Pártia (Hd.IV.11.2). Estas flores configuravam um sinal de alegria, de obediência, de respeito e de hospitalidade para com o detentor do poder imperial.

Da mesma forma, nenhum governante deixou de oferecer sacrifícios de animais às divindades, nos vários momentos importantes de sua trajetória política à frente do Império. Como demonstra Michel Meslin (1985, 202), os sacrifícios eram práticas rituais através das quais os homens agradeciam dons recebidos ou buscavam obter o apoio das forças divinas para os atos que pretendiam empreender. No relato de Herodiano, observamos os sacrifícios promovidos por Dídio Juliano no momento de sua aclamação (Hd.II.6.12), os executados por Cômodo em comemoração pelo final da conspiração de Materno (Hd.I.10.7) e os organizados por Alexandre Severo antes de sua incursão bélica contra os bárbaros (Hd.VI.4.1-2). Trata-se de atos religiosos nos quais os elementos naturais fazem o papel de ponte entre o homem e suas divindades.

Neste mesmo sentido vemos os elementos naturais serem utilizados no ritual de apoteose do imperador. Herodiano nos fornece um interessante relato do rito cumprido após o falecimento de Septímio Severo. Sobre o corpo do morto foram aspergidos incensos, perfumes da terra, frutos, ervas e produtos aromáticos antes de ele ser cremado na pira funerária. Enquanto o fogo ardia sem dificuldade devido à grande quantidade de lenha e de produtos aromáticos acumulados, uma água era solta para que levasse a alma do morto da terra para o céu, onde seria venerada junto aos deuses (Hd.IV.2.8-11).

Para os romanos havia a presença nas forças naturais de uma misteriosa energia, e era por intermédio destas forças que o sagrado se revelava aos mortais. Sua religião prescrevia uma atenção escrupulosa aos sinais divinos que seriam a manifestação da vontade das potências supe-

riores. A manutenção da “Pax Deorum”, a paz com os deuses, requeria uma observação interpretativa constante dos fenômenos naturais. Herodiano ressalta, deste modo, os vários prodígios que antecederam o assassinato de Cômodo e que pareciam, de alguma forma, anunciá-lo. Foram estrelas que apareceram durante o dia, cometas que cruzaram o céu durante a noite, animais que nasceram com formas estanhas e partes do corpo desproporcionais, edifícios públicos que se incendiaram devido a raios que surgiam no céu sem acumulação anteriores de nuvens. Para os romanos, tais fatos confirmavam a existência de uma comunicação dos deuses com os homens através dos sinais naturais (Hd.I.14.1-3).

As divindades também se utilizavam dos sonhos para enviarem mensagens e darem avisos aos homens. E desde muito cedo os romanos aprenderam a manipular estas crenças em proveito político próprio. Como coloca Finley (1985, 70), foram práticas desviadas e distorcidas introduzidas no arsenal político. Sobre este assunto destacamos três passagens da obra de Herodiano: o sonho de Septímio Severo, o sonho de Maximino e os auspícios interpretados por Máximo. Os elementos naturais e a crença de que eles comunicavam desígnios superiores, nestes três exemplos, foram utilizados para legitimar a autoridade dos imperadores e para justificar as suas condutas. Analisemos cada caso.

Logo após oferecer sacrifícios públicos e prestar juramento de fidelidade ao Império de Pertinax, Severo regressou a sua casa e, ao dormir, sonhou que via um alto e poderoso cavalo montado por Pertinax, que cavalgava pela Via Sacra em Roma. Ao chegar à entrada do Forum, no sítio onde nos tempos da República se reuniam as assembléias populares, o cavalo se sacudia e derrubava Pertinax. Logo o animal apresentava sua cela a Severo que se encontrava por ali. Após este sonho, Severo passou a divulgar que a Divina Providência o havia chamado para tomar posse do Império. Vemos, assim, como Roma é metaforicamente comparada a um cavalo, animal imponente e muito conhecido entre os romanos, e como Severo buscou uma legislação para sua ambição do poder imperial na vontade das divindades (Hd.II.9.5-7). Este expediente foi repetido por Maximino, ao buscar a confirmação dos prognósticos de seus sonhos através de auspícios obtidos pela observação dos elementos ambientais (Hd.VI.8.6). Fato este que se repetiu no governo de Máximo e Balbino, quando o primeiro só resolveu sair de Ravena e voltar para Roma após obter os auspícios favoráveis para a viagem (Hd.VIII.6.7).

Do mesmo modo, Cômodo utilizou a figura do sol, astro-rei do universo, fator preponderante na vida sócio-econômica dos povos agrí-

colas, como artifício para justificar a sua ascensão ao poder imperial. No discurso que proferiu aos Pretorianos, segundo Herodiano, Cômodo ressaltou o fato de que foi a Fortuna quem dispôs a sucessão de Marco Aurélio, pois no momento em que saiu do ventre da mãe nas dependências do Palácio, o sol o viu não apenas como homem, mas já como imperador (Hd.I.5.5). Destarte, o sol que significava antes de tudo a luz suprema e benéfica, foi utilizado para ratificar o processo sucessório então adotado, já que os sucessores não poderiam ser apresentados enquanto tais utilizando-se argumentos baseados na mera hereditariedade, visto que o poder garantido por linhagem natural nunca foi bem visto pela aristocracia, pois vinculava o comando imperial a apenas uma família romana, obstaculizando o acesso de outros expoentes senatoriais ao governo do Império. Devemos lembrar também que o Império era encarado como um bem público e não como um patrimônio pessoal do imperador, o que o impedia de dividi-lo entre seus filhos sem antes buscar um discurso que convencesse a sociedade de que os herdeiros naturais eram os melhores entre os bons.

Contudo, algumas vezes os fenômenos naturais assumiram o papel de forças punitivas, capazes de reequilibrar o Cosmos após a resolução de uma situação conflitiva. Este parece ser o caso de Macrimo, que, abandonado pela Fortuna, é restituído a seus verdugos por um vento contrário muito forte que impediu a sua fuga para Roma. A ventania que impossibilitou sua fuga é encarada pelo próprio Herodiano como um sinal de que os deuses o haviam abandonado (Hd. V. 4. 11-12).

Como a ocorrência dos fenômenos naturais não foi vista pelos romanos como obra do acaso, eles foram encarados como manifestações divinas cuja explicação nem sempre se fazia possível aos mortais. O que não podia ser ainda entendido era cultuado. Exemplo disto era o culto prestado aos meteoritos, identificados como estátuas de deuses feitas por mãos não humanas. Este era o caso do culto a Cibele, a “Magna Mater”, realizado em Pesinunte na Frígia, e do culto ao deus Sol, promovido por Heliogábalo. Em ambos os casos, Herodiano ressalta que as estátuas dos deuses caíram do céu, foram feitas de um material desconhecido de cor negra e que a mão humana não havia interferido em sua fabricação (Hd. I. 11. 1-5 e V. 3. 4-5).

Fora a conotação mística que se pode induzir do que foi até aqui apresentado, a relação do homem antigo com a natureza tinha o seu lado prático. Desde cedo o homem antigo percebeu que seria necessário co-

nhecer a natureza para dominá-la e transformá-la em seu próprio benefício. Múltiplas foram as obras construídas pelos romanos. Foram veredas artificiais abertas pelos itálicos para poderem transpor os Alpes, uma enorme cordilheira levantada pela natureza. Ela era tão alta que seus picos transpassavam as nuvens e tão extensa que perpassavam a Itália, fazendo surgir densos e frondosos bosques, profundos despenhadeiros e impressionantes abismos (Hd. II. 11. 8. e VIII. 1. 5-6). Foram remédios produzidos pela manipulação de ervas e utilizados em tempos de peste, mal que atingia os homens e seus animais (Hd. I. 12. 1-2). Foram técnicas inventadas pelos homens para desviar o curso dos rios e conduzir suas águas para fossos, usados como proteção sobressalente às muralhas das cidades (Hd. VIII. 2. 6). Foram artifícios aprendidos pelos seres que precisavam saciar sua sede em meio a um inverno rigoroso e que perceberam quão dura e resistente chegava a ficar a água dos rios que cortavam o norte do Império. Se alguém quisesse aproveitá-la não deveria levar cântaros nem vasilhames para recolhê-la, mas facas e espadas para cortá-la como se fosse pedra (Hd. VI. 7. 6-7). Portanto, foram condutas e aprendizagens feitas num convívio cotidiano com forças naturais que nem sempre foram bem compreendidas, mas que deveriam ser utilizadas de uma forma coerente pelos homens.

Os acidentes geográficos assumiram, desta maneira, a função de protetores de regiões e cidades. Herodiano cita a preocupação de Augusto, reiterada por seus sucessores, em fortificar o Império defendendo suas fronteiras com o caudal dos rios, os obstáculos proporcionados pelos montes e os desertos de trânsito difícil (Hd. II. 11. 5). As comunidades sempre procuraram se proteger lançando mão das barreiras dispostas pela própria natureza, como é o caso da cidade de Hatra, situada na Arábia, cuja maior proteção advinha do fato de que havia sido construída no alto de uma escarpada colina (Hd. III. 9. 4.). Eram os rios, como o Reno, o Danúbio, o Tigre e o Eufrates, os responsáveis por separarem os romanos dos povos considerados bárbaros. Tanto que, em várias passagens, Herodiano utiliza a expressão “cruzar os rios” como artifício para indicar a invasão do território bárbaro pelas legiões romanas ou vice-versa (Hd. VI. 4. 7 ; VI. 2. 1-2; VI. 7. 2; VI. 7. 4).

Esta preocupação da natureza marcou profundamente a arte militar romana³. Fatores naturais sempre estiveram presentes na escolha das estratégias bélicas a serem adotadas. Tal procedimento pode ser inferido mediante a análise das várias batalhas expostas por Herodiano. A trava-

da por Pescênio Níger e Septímio Severo na Trácia nos proporciona um ótimo exemplo de como dois generais buscaram usar os elementos naturais que tinham à sua disposição para conseguir vantagens estratégicas para suas legiões.

Enquanto Severo foi contemplado com a aparição freqüente de sinais da Divina Providência (Hd. II. 15. 6), que já demonstravam a sua vitória posterior, Níger se apressou em ordenar a ocupação dos desfiladeiros e dos altos da Cordilheira do Tauro por seus soldados. Tratava-se de uma muralha natural situada entre a Capadócia e a Cilícia que separava os povos do norte dos do leste. Níger considerava que o difícil trânsito desta Cordilheira constituiria um obstáculo no avanço em direção ao Oriente. Além disso, enviou tropas para ocupar Bizâncio, a maior cidade da Trácia, cujos habitantes sacavam do mar sua maior riqueza, graças aos direitos de navegação e à pesca. Esta cidade possuía também uma terra ampla e fértil. Dos dois elementos, terra e mar, obtinha grandes benefícios, fazendo com que fosse uma cidade muito poderosa (Hd.III.1.4-6) e fundamental em termos estratégicos.

Todavia, a Providência Divina, mais vez se utilizando de fenômenos naturais, auxiliou as tropas de Severo a derrotar as de Níger na ocupação de Bizâncio. Os soldados já haviam perdido a esperança e a moral porque a defesa de Níger parecia sólida e inexpugnável e estava protegida por um monte e por um precipício. Subitamente, de noite caíram violentos aguaceiros acompanhados de uma intensa nevada. Uma torrente caudalosa derrubou as muralhas da cidade. A natureza venceu a técnica humana. Os soldados de Níger abandonaram seus pontos e fugiram. Então, o exército de Severo se alegrou pelo sucedido e se animou por crer que a Divina Providência lhe abria o caminho (Hd.III.3.6-8).

A presença dos deuses ao lado dos homens nas empresas bélicas não foi detectada somente no desenrolar das batalhas. O homem antigo acreditava que poderia antever esta participação pela aruspicina, ritual de origem etrusca, no qual se analisavam as entranhas do animal sacrificado. Herodiano conta que Crispino, cônsul de Aquiléia, sustentou a guerra contra Maximino porque na cidade havia vários especialistas na arte da adivinhação e da interpretação de entranhas que tinham anunciado que os sinais dados pela natureza eram favoráveis à cidade.

O autor acrescenta que os itálicos tinham muita fé neste tipo de observação e que o deus Beleno, protetor de comunidade, aparecia freqüentemente no céu, lutando em defesa da cidade. O incrível do resulta-

do, isto é, a vitória do povo de Aquiléia contra o poderoso exército de Maximino pareceu provar que os desígnios realmente estavam certos (Hd.VIII.3.7-9).

Entretanto, Maximino cometeu vários erros estratégicos ao não se integrar ao ambiente no qual lutava. Apesar de destacar alguns legionários para a feitura do reconhecimento do terreno na busca de emboscadas ocultas nos bosques (Hd.VIII.1.1), este imperador ordenou a queimada das videiras de Aquiléia e não se preocupou em guardar água para saciar a sede dos soldados (Hd.VIII.4.5). Como o combate se prolongou mais que o previsto, seus soldados acabaram ficando sem alimentos, pois eles mesmos haviam arrancado as árvores frondosas e assolado os campos (Hd.VIII.5.4), e sem água, já que a advinda do rio que margeava a cidade estava contaminada, pois, como não havia tempo para enterrar os mortos, seus corpos eram lançados na corrente fluvial (Hd.VIII.5.7).

A queimada dos campos era uma técnica amplamente empregada por Maximino que, segundo Herodiano, refletia em sua estratégia militar o seu caráter violento e cruel (Hd.VIII.12.3-4). Na guerra contra os germanos, ele já havia demonstrado que o conhecimento do meio natural por parte dos bárbaros tornava-os inimigos perigosos. Os germanos se escondiam nos bosques e nos pântanos esperando uma ocasião propícia para o ataque. A frondosidade impedia a ação das flechas inimigas e a profundidade dos pântanos resultava perigosa para os romanos, que desconheciam o lugar. Os bárbaros, pelo contrário, conheciam os sítios de fundo resistente e estavam acostumados a nadar com água até o pescoço, posto que os rios eram o seu único lugar de banho (Hd.VII.2.5-6).

Esta relação dos bárbaros com o meio ambiente, que lhes outorgava certas vantagens estratégicas, já havia sido experimentada por Septímio Severo na campanha da Bretanha. Apesar de derrotados, os bárbaros fugiam facilmente, pois sempre conheciam muito bem a área onde lutavam (Hd.III.14.5-8).

Os animais, além de bestas de carga, eram encarados como verdadeiras armas de guerra. Dídio Juliano usou elefantes no combate contra os Ilírios, pois pensou que os assustaria e produziria um desconcerto na cavalaria inimiga pelo aspecto e pelo tamanho desses animais que eles não haviam visto antes (Hd.II.11.9). Já os Partos usaram camelos contra as tropas romanas, visto que estes animais se adaptavam mais facilmente ao clima seco da Mesopotâmia (Hd.IV.14.3). Mas a arma natural mais original foi a usada pelos moradores da cidade de Hatra contra as legiões

de Septímio Severo. Eles usaram pequenos insetos voadores com ferrões venenosos, que eram lançados do alto das muralhas dentro de recipientes de cerâmica. As picadas geravam enfermidades que levavam os soldados à morte. De acordo com Herodiano, os legionários morreram mais devido às picadas que na luta corporal contra os inimigos (Hd.III.9.5-6).

Deve-se enfatizar que era no contato contínuo com a natureza que o homem lapidava a sua natureza humana e preparava o seu corpo e o seu espírito para as batalhas. Cômodo e Caracla costumavam preservar as suas condições físicas lutando com animais selvagens (Hd.I.13.8 e IV.7.2), enquanto Septímio Severo demonstrava sua coragem e sua valentia passando por montes muito altos e de clima rigoroso com a cabeça descoberta embaixo da chuva e da neve, incentivando seus soldados a fazerem o mesmo (Hd.III.6.10). No discurso feito aos soldados após a morte de Pertinax, para incentivá-los a lutarem contra Níger, Severo afirmou que eles já estavam bastante exercitados para as batalhas vindouras por causa dos contínuos combates contra os bárbaros e por estarem acostumados a suportar todo tipo de fadigas, a ignorar frios e calores, a cruzar rios gelados e a beber água tendo que romper o gelo. Além disso, acrescentou Severo que seus legionários haviam se exercitado com frequência na arte da caça (Hd.II.10.5). Assim, tão bem treinados, ninguém podia lhes fazer frente. Portanto, a prática de caçadas (Hd.VI.5.4.) e a tentativa de adaptação ao clima de cada região (Hd.VI.6.2) pela utilização de vestuário e armamentos adequados surgiam como elementos fundamentais na preparação dos soldados para uma guerra.

A título de conclusão, gostaríamos apenas de enfatizar que o homem antigo desde muito cedo percebeu que poderia utilizar os elementos da natureza de diversas formas, mas sempre em benefício próprio. Aos fenômenos que não compreendia e para os quais não conseguia produzir uma explicação racional, prestava culto como manifestações de forças superiores às suas. Mas sempre que pôde buscou se integrar ao meio ambiente, pois notou que ao destruir a natureza que o cercava estava engendrando a sua própria destruição.

Notas

¹ Grécia, Síria ou Ásia Menor.

² Poderia ser um Senado, um Procurador Equestre, um liberto imperial ou um escravo de confiança do soberano com acesso à corte e às funções públicas.

³ Vide também: VEGETIUS RENATUS, Flavius. *Les Institutions Militaires*. Texto établi et traduit par Juan D.Nisard. Paris: F.D.F., 1860. Trata-se de uma fonte posterior, mas onde também se ressalta a importância do conhecimento estratégico da natureza.

Bibliografia

a) Fontes

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por notas Juan J.T.Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

_____. *Histoire de l'Empire Romain après Marc - Aurèle*. Texte traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

b) Obras

BAYET, Jean. *La Religion Romana: Historia Política y Psicológica*. Madrid: Cristiandad, s.d.

BRAUDEL, Fernand. *O Espaço e a História no Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FINLEY, Moses I. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GIARDINA, Andrea (org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

KRAPPE, A.H. *La Genèse des Mythes*. Paris: Payot, 1952.

MANGAS, Julio et alii. *La Religión Romana*. Cuardenos Historia 16. Madrid, 1985.

MESLIN, Michel. *L'Homme Romain*. Paris: Complexe, 1985.

ROBERT, Jean - Noël. *Les Plaisirs à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.